



## **“ESSA LEVE VOZ QUE ME CONTÉM: (RE) CONSTRUÇÃO DO CORPO DURANTE O PROCESSO ANALÍTICO”**

Alejandro Martín Beltrán Guerrero

Eixo: O corpo na clínica

**Palavras-chave:** Cisão mente-corpo, narrativa, intersubjetividade, transferência, aparelho psíquico

### **Resumo:**

Roberto tentou a psicanálise, de um aparentemente impossível ponto de partida: sem um aparelho para pensar em emoções, funcionando no plano concreto e com uma cisão radical que separava sua mente do corpo. Em termos manifestos, não havia um conflito interno que apoiasse o tratamento. A sensação de ser impossível dividir um espaço com Roberto, de criar um campo onde nossas mentes habitassem, me remontou a um estado íntimo onde eu fui sujeito de uma preocupação semelhante. Essa é a função que a atenção flutuante desempenha. É o equivalente à livre associação e, diante de um outro que não pode associar, é a única opção onde o que não é simbólico adquire um potencial analógico. Aqui, a atenção flutuante é o processo de livre

associação exercido pelo analista. Em casos em que o outro decreta, é nossa capacidade de fantasiar, a função narrativa, que possibilita a simbolização. Apresentarei alguns momentos-chave para entender como Roberto passou de imaginar-se como uma espécie de cabeça falante, confinado a uma zona geográfica que o desvinculava dos outros, para reencontrar-se com diversos objetos e desejos. Vou me concentrar na construção da possibilidade de narrar e ser narrado.

## **Desenvolvimento**

Tudo está escuro, ouço vozes, risos. Começo a ficar nervoso, me desespero por não ver o que acontece. O tempo passa muito devagar, como se eu sempre fosse estar aí. Sinto que alguma coisa terrível vai acontecer. Tenho a sensação de que alguma coisa se aproxima e eu não posso me mexer, as risadas são cada vez mais fortes, mais altas, não posso me mexer, me falta o ar, estou me sufocando. Acordo, é um sonho, pela primeira vez eu sonho. Estou suando, não posso mais dormir no resto da noite.

Com esta breve comunicação, Roberto me inundou com um desassossego que duraria toda a sessão. Ele tinha pouco mais de um ano na análise, depois de três meses anteriores de uma sessão por semana. Esse sonho seria o repicar de uma série de mudanças em nossa relação analítica. E digo repicar, pois o sonho foi seu sinal evidente; já antes se estavam gestando transformações que tornaram possível a criação de um campo analítico, onde antes só havia duas solidões em monólogo.

A seguir, apresentarei alguns dos momentos-chave para entender como foi que Roberto passou de imaginar a si mesmo como uma espécie de cabeça falante, confinado em uma zona geográfica desvinculada dos outros, a reencontrar-se com objetos e desejos. Vou me concentrar na construção da possibilidade de narrar e ser narrado.

Roberto ocupou o nosso tempo em me convencer de um fato aparentemente muito simples: que nós seres humanos somos a versão imperfeita de uma máquina e que a inevitável seta evolutiva nos levaria a uma fusão no *cyborg*.

Se bem que o princípio fosse simples, as explicações que sustentavam tal afirmação eram complexas, pois Roberto tem sofisticados conhecimentos de cibernética. Ele veio ao meu consultório porque se sentia, pela primeira vez na vida, desanimado, pois sua carreira acadêmica tinha chegado a um ponto morto. Os diferentes projetos de pós-doutorado que ele apresentou à sua Faculdade foram rejeitados e ele não entendia por que: passava do desprezo aos decanos à dúvida sobre a sua própria capacidade intelectual, o que o perturbava a ponto de tentar a análise. Porém, este vaivém entre o descrédito a seus professores e à sua própria capacidade era afirmado sem notas emocionais, era um tema intelectual que merecia resolução, para construir um projeto de vida de acordo com suas capacidades reais.

Em geral, Roberto comparecia à análise mostrando sua pele grossa (Rosenfeld), tornando-o impenetrável a qualquer tentativa de

interpretação, e se dedicava a explicar-me a configuração de sua mente como uma rede informática. Eu o escutava e quando achava oportuno intervinha: ele me ouvia atento e respeitoso, mas quando eu terminava, subsumia minha intervenção a seus princípios cibernéticos.

Escutando suas especulações científicas, eu fui me perdendo na lembrança de minhas velhas leituras de ficção científica (Ogden, 1997a). Aprendi a ler nos *Pulp fiction* que meu irmão mais velho colecionava. Durante as sessões com Roberto, rememorei cada novela, onde heróis sempre audazes combatiam monstruosos seres do espaço exterior. Seres do espaço exterior... Essa ideia começou a girar no interior da minha mente, seres do espaço exterior no interior da minha mente...

Roberto e eu patinávamos na superfície do discurso; em nossos encontros, éramos seres do espaço exterior: um estava fora do discurso do outro.

Se, como par analítico, morávamos na exterioridade do discurso, eu me perdia cada vez mais em meu mundo interior, na biblioteca que formou minha primeira infância: os livros do meu irmão maior. Eu percebi que Roberto tinha um irmão menor; ele era o primeiro de dois. Este dado, que eu conhecia desde as primeiras entrevistas, cobrou a força de um *insight*, de alguma coisa que cresce dentro (Ogden, 2003). Eu, o irmão menor, irrompi no quarto do meu irmão maior, ocupei um espaço que era só seu; onde havia um, agora havia outro.

Roberto não se lembrava de nenhum evento da sua infância, por isso seu relacionamento com o irmão menor ficou apagado até que

ambos chegassem à adolescência; desde esse período até a atualidade, seu relacionamento é cordial, porém distante.

Distante, distância, meu irmão maior viajou desde muito jovem, cedo saiu de casa e cedo foi morar no estrangeiro, cedendo-me o quarto que antes partilhávamos; todo esse processo me deixou com uma vaga sensação de triunfo e culpa. Onde estão em Roberto as emoções, sejam equivalentes ou contrárias às minhas, à intrusão que o seu irmão menor significou? (Grotstein, 1997). Quando eu estava diante da rara ocasião em que Roberto mostrou sua pele macia (Bateman), eu lhe proponho que essa cordialidade com que ele me trata é equivalente à fria amabilidade com que ele trata seu irmão, como se ele nos mantivesse, ambos, a uma distância segura.

Ele ri, respeitoso da minha ideia, e me indaga: como, para que ele manteria uma distância, se seu irmão já não está em casa, viajou para o estrangeiro, para cursar um pós-doutorado? O mesmo que você queria fazer? eu lhe pergunto. Sim, ele me responde, com a primeira incomodidade manifesta no consultório. Foi uma incomodidade evidente, a aparição do primeiro acontecimento emocional, que nos converteu em um par analítico, além da nossa relação contratual, quer dizer, do respeito ao acordo analítico em seus termos formais, menos em sua regra fundamental: a associação livre.

II

Assim, diante do primeiro evento emotivo na díade analítica, a primeira coisa que eu ressalto é a impossibilidade de Roberto de exercer a associação livre. Nesse sentido, eu entendo sua impossibilidade para transitar pela via régia da psicanálise: os sonhos (Freud, 1900). Roberto não podia sonhar, assim como não podia narrar sua vida cotidiana em termos de relacionamentos (Grotstein, 1979). Não existiam outros: eram ele e os desafios que ele se impunha.

Diante de quais objetos internos nós nos víamos em cada sessão? Poderia pensar-se em objetos do Superego, mas o Superego, enquanto triangulação, pressupõe outro: um Ego cindido (Klein, 1940; Britton, 2004), que é assumido como outro, e o hiato provocado pela cisão, espaço interno onde se colocam em jogo os vaivéns da culpa e da angústia (Brown). Esse hiato possibilita a construção do campo analítico, esse espaço intermediário onde o analista e o analisando sonham juntos com a ilusão de uma comunicação possível (Ferro, 2002).

Mas algo não mencionado, que alude ao Id, que não tem palavra, e portanto não pode ser citado, acontecia com Roberto, que tornava impossível esta ilusão. Esclareço que por Id eu me refiro aqui ao que Fairbairn (1943, 1944, 1958) entendia como o Ego antilibidinal.

A sensação de que era impossível compartilhar um espaço com Roberto, de criar um campo onde nossas mentes habitassem me remontou a um estado onde eu fui sujeito de uma preocupação análoga. Esta é a função que a atenção flutuante desempenha. É o equivalente à associação livre e, diante de um outro que não pode fazer associação, é

a única opção onde o que não é simbólico adquire um potencial analógico (Ferro, 2004). Dito de forma direta, a atenção flutuante é o processo de associação livre exercido pelo analista. Em casos onde o outro decreta e sentencia, é a nossa função narrativa quem possibilita a simbolização (Ferro 2006a, Silva 2012).

O fato de que Roberto se sentisse incômodo diante da grande distância do seu irmão, e que reconhecesse que esse irmão havia alcançado um objetivo que ele considerava vedado, foi propiciado por minha atenção flutuante enquanto função narrativa.

Dentro em pouco, Roberto contou de insônias não habituais, nas quais ele fazia listas mentais do que tinha que fazer no dia seguinte. Também chegava cansado ao trabalho. Seus colegas de trabalho afirmaram que ele tinha um comportamento que, mesmo para ele, parecia estranho: falava com as máquinas.

Quando havia um conflito de trabalho, em vez de brigar com seus colegas, Roberto fazia imprecizações ao computador por sua incapacidade para processar, sua falta de velocidade, tudo em um tom pessoal. Essas reclamações ocorriam com diferentes equipamentos: o *scanner*, a máquina copiadora, com cada aparelho cuja função é copiar e reproduzir um objeto. Seus compañeros diziam isso alarmados.

No começo, lhe parecia um exagero, mas depois ele se surpreendeu fazendo isso, e em uma sessão acrescentou que até falava com as máquinas copadoras, quando estava contente, sussurrando pequenos elogios, enquanto as usava.

Enquanto eu ouvia esta narração, me lembrei de quando vi pela primeira vez o filme *Fantasia*. Eu teria uns cinco anos, e parece que chegamos tarde à projeção. A sala estava escura e eu caminhava preocupado para não perder a silhueta do meu pai. De repente, a sala se iluminou: levantei a vista para ver como Mickey Mouse destruía uma vassoura com o machado. Por um momento, me desorientei e fiquei aí parado, assustado, vendo como, dos fragmentos, centenas de pequenas vassouras, clones perfeitos da original, cobravam vida para sabotar o trabalho do camundongo.

Diante desta imagem, pode-se pensar em objetos bizarros emanados do ataque aos objetos primários (Bion 1959), mas seguir esse vetor supunha romper o vínculo emocional que se estabelecia entre a perturbação de Roberto e as lembranças que seu relato despertavam em mim (Joseph); escolher o caminho de uma interpretação saturada (Ferro & Basile) seria objetivar em um terceiro puramente teórico (Laks Eizirik) o que, nesse momento, era o despertar de uma sensação de fragmentação, no analisando, necessária para uma (re)construção. Propus então uma construção narrativa que servisse de continente, de moldura para a gestação de um campo que fosse um espaço delimitado para que os elementos beta não escapassem.

Bem, eu disse, tudo isto me lembra uma cena de *Fantasia*, e contei para ele a cena do aprendiz de mágico (Ogden 1997b). Sim, ele respondeu entusiasmado, objetos que têm como vida sua própria função, essa ideia sempre me atraiu. Veja, este parecia seu ideal: reduzir a existência a uma função, a vassoura que varre, o computador



que processa, o *scanner* que reproduz, que você se ocupe só mesmo do trabalho... Sim, ele me interrompeu, mas agora a coisa saiu de controle, meus colegas pensam que eu estou louco e isso me enfurece. E, como o Mickey, você fica dando machadadas a torto e a direito contra os objetos, mas, se você está lembrado, o ratinho tinha inveja de verdade do mágico. Sim, foi assim que tudo começou, com a fúria contra o mágico, responde dubitativo. E é possível que essa raiva comece no escritório contra seus colegas e termine nos objetos... Ele fica calado, e finalmente me diz, agora mesmo me confundi, filho da mãe, e eu fico puto quando me confundem. E o enfezamento agora foi comigo, eu lhe sugeri. -Pois é- ele me disse sorrindo, por querer te fazer de mágico com tuas enroladas.

Estas intervenções simples nos envolveram, pouco a pouco, em interpretações cada vez mais saturadas que, criando uma narrativa possível, geravam uma formação de compromisso compartilhada. Esta formação de compromisso, por implicar no inconsciente do par analítico, é uma realidade nova, é um fenômeno que se produz no campo analítico. É nesse espaço onde poderiam começar a ser guardados os objetos e onde se consolidava um espaço interno para gerar e colocar as identificações projetivas (Bion 1959, Ogden 2004).

Talvez seja evidente a semelhança entre a identificação primária e o que Roberto **supunha** como registro digital; em ambos, existe a ilusão de que podem ser incorporados a um objeto sem que se produzam perdas. A imago materna introjetada, que dá lugar à gestação do Ego antilibidinal (Kavaler-Adler), age como um sabotador (Fairbairn 1952), fixando a atenção na fantasia de que é possível conservar e recuperar

uma memória idealizada (Greenberg e Mitchell, 1983); em outras palavras, impede-se o contato com outros objetos, fixando o interesse naquilo que se sente estar a ponto de perder.

Neste sentido, a relação aparentemente pessoal que Roberto travava com as máquinas consistia na fantasia que ele extraía da ciência, era o desdobramento discursivo do controle tirânico que o Ego antilibidinal exerce, usando precisamente a ilusão infantil de que um encontro do passado seria recuperado com aquilo que no presente não se perdeu.

Minhas leituras infantis de ficção científica me possibilitaram entender sua esperança no homem pós-orgânico (Sibila). Em uma ocasião, por exemplo, ele me explicou os planos de vários centros de pesquisa para fundir o homem com a máquina. O homem como um *cyborg* supõe que não haja pai e mãe, eu disse. Exatamente, ele disse, mostrando emoção pela primeira vez na sessão, já não vai ser necessário o incômodo de conhecer alguém, e reproduzir-se. Tudo será pensar e lembrar, não se vai esquecer nada. E o que é que se teria que lembrar, Roberto? Ihe perguntei, imediatamente.

Ele abriu a boca para responder, mas fechou imediatamente. O que é que acontece? perguntei. Ele duvidou um momento mais, e finalmente me disse: você vai dizer que eu estou louco... Mas eu tenho medo de perder aquela vizinha... Como? eu lhe perguntei, desconcertado. Roberto, constrangido, me respondeu: sim, é uma idiotice, não sei, é coisa de louco, mas às vezes eu ouço uma vizinha dentro de mim; me diz coisas, assim para cuidar de mim, besteiras, tipo:

não coma isso, que vai lhe fazer mal, vá dormir, assim, besteiradas, não é sempre, hein, não vá pensar, isso só acontece de vez em quando. Essa vozinha age como sua mãe, eu lhe digo. Não, responde, assombrado com meu comentário, minha mãe nunca me disse nada disto.

De uma dissociação primária, a mãe é objetivada nesse Ego antilibidinal, em que os cuidados são reduzidos a ensinamentos e regras (Winnicott 1971, Kavalier-Adler). A possibilidade de um cuidado em que o afeto fosse o centro fica negado e dissociado (Winnicott 1956b e 1960). Entendo agora que Roberto não tivesse relação com o seu corpo: para ele, seu corpo só tinha sentido como portador da cabeça, o centro do que é importante e significativo. O mistério era se porventura havia algum rastro de partes boas da mãe depositado em alguma região da geografia mental. Agora, encontramos seu traço evanescente: era apenas uma leve voz que sussurrava tímida em certos momentos. Essa dissociação me faz inferir um precoce evento traumático, por deficit ou excesso do qual o *self* que se apresenta no consultório não tem registro algum (Guntrip, 1976; Bollas, 1989; Winnicott, 1982).

Foi quando apareceu o pesadelo que eu transcrevi no começo. Quando me contou sobre ele, Roberto estava francamente desconcertado, eram demasiados eventos novos, e ele me disse: 'sinto que estou perdendo a cabeça'. Eu lhe comentei quão preocupante deveria ser perder a cabeça, pois sentia que aí se concentrava todo o seu ser.

Aqui devo terminar, de maneira brusca, como sucede nas sessões; mas quero avisar que este não seria o fim de nossos

descobrimientos. Faltaria contar como foi que Roberto, com medo de perder a cabeça, encontrou o amor e como, depois de muitos esforços, perdeu esse amor, mas encontraria algo talvez mais valioso... mas tudo isto terá que ser narrado em outra ocasião.

## **Bibliografía**

Balbi, J. (2004), *La mente narrativa*, Buenos Aires: Paidós

Baranger, W. & Baranger, M. (1969). *Problemas do campo psicoanalítico*. Buenos Aires: Kargieman.

Baranger, M.; Baranger, W.; Mom, J. (1988). The infantile psychic trauma from us to Freud. Pure trauma, retroactivity and reconstruction. *Int. J. Psycho-Anal.*, 69:113-128.

Bateman A. (1999), Narcisism and its relation to violence and suicide, in *Psychoanalytic Understanding of Violence and Suicide*, pp. 93-102. London: Routledge

Bion, W.R. (1959). Attacks on Linking. *Int. J. Psycho-Anal.*, 40:308-315 [1962] (1975). *Aprendiendo de la experiencia*. Buenos Aires: Paidós.

Bleger, J. (1967). *Simbiosis e ambigüedad*, Buenos Aires: Paidós

Bleichmar, H. (1978), *La depresión, un estudio psicoanalítico*, Buenos Aires: Nueva Visión

Bloom, H. (1995). *El canon occidental*. Barcelona: Anagrama

Britton, R. (2004). Subjectivity, Objectivity, and Triangular Space. *Psychoanalytic Quarterly*, 73:47-61

Brown, L.J. (2002). The Early Oedipal Situation: Developmental, Theoretical, and Clinical Implications. *Psychoanalytic Quarterly*, 71:273-300

Campbell D. (1999), The role of the father in a pre-suicide state, in Psychoanalytic Understanding of Violence and Suicide, New York: Routledge

Dante Alighieri [1307], (2006), Convivio, España: Cátedra

De Certeau, M. (2003). Historia e psicoanálisis. México: Universidad Iberoamericana.

Eliade, M. (2004). El mito del eterno retorno. Madrid: Alianza Editorial.

Fairbairn, W.R.D. (1943). The repression and the return of bad objects (with special reference to the 'war neuroses'). In Psychoanalytic Studies of the Personality, pp. 59–81. London: Routledge & Kegan Paul

(1944). Endopsychic structure considered in terms of object relationships. In Psycho-Analytic Studies of the Personality, pp. 82–136. London, Henley and Boston: Routledge & Kegan Paul.

(1958) On the nature and aims of psycho-analytical treatment. Int. J. Psychoanal.. 39: 374–385.

Ferro, A. (2004), The Bi-Personal Field Experiences in Child Analysis, New York: Routledge

(2002). Some Implications of Bion's Thought: The Waking Dream and Narrative Derivatives; International Journal of Psychoanalysis, 83 : 597–607

(2006a), Psychoanalysis as Therapy and Storytelling, New York: Routledge

(2006b). Clinical implication of Bion's thought. International Journal of Psychoanalysis. 87 : 989–1003.

Ferro, A & Basile, R. (2009), The universe of the field and its inhabitants, in The Analytic Field: a Clinical Concept, London: Karnac

Foucault, M. (1979). Las relaciones de poder penetran en los cuerpos. In Microfísica del poder(153-163). Madrid: as Ediciones de la Piqueta.

(2004). Historia de la sexualidad. La voluntad de saber. Madrid: Siglo XXI Editores.

Freud, S. [1900] (1986), La interpretación de los sueños (primera parte), in Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. IV, Buenos Aires: Amorrortu

[1912] (1986), Consejos al médico sobre el tratamiento psicoanalítico, in Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. IV, Buenos Aires: Amorrortu

[1914] (1986), De la historia de una neurosis infantil, in Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XVII, Buenos Aires: Amorrortu

[1920] (1986), Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad femenina, in Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XVIII, Buenos Aires: Amorrortu

[1923] (2011). El yo e el ello: Manuscritos inéditos y versión publicada: Texto bilingüe. Buenos Aires: Marmol-Izquierdo Editores.

[1937], (1984), Construcciones en el análisis, in Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XXIII, Buenos Aires: Amorrortu

Fuss, D. (2004) *The Sense of an Interior; Four writers and the Rooms that Shaped Them*. London: Routledge

Gollut, J. (2009). *Contar los sueños. La narración de la experiencia onírica en la literatura de la modernidad*. México: Aldus.

González, A. [1965] (2011). La urgencia de reunión como respuesta a la angustia de separación. In *Obras* (pp- 101-120). México: Sociedad Psicoanalítica de México.

[1966] (2011). Hacia una definición del proceso analítico. In *Obras*(pp-101-120). México: Sociedad Psicoanalítica de México.

Greenberg, J. & Mitchell, S. (1983), *Object Relations in Psychoanalytic Theory*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Grotstein, J.S. (1979). Who is the Dreamer who Dreams the Dream and who is the Dreamer who Understands It—A Psychoanalytic Inquiry Into the Ultimate Nature of Being, *Contemporary Psychoanalysis*, 15:110-169 (1997). Integrating One-Person And Two-Person Psychologies: Autochthony And Alterity In Counterpoint., *Psychoanalytic Quarterly*, 66:403-430

Guner, A. & Tosso, D. (2011). Consideraciones de lo extrapsíquico en lo intrapsíquico. In *Sandor Ferenczi e el psicoanálisis del siglo XX*(pp. 129-146). Buenos Aires: Letra Viva.

Heimann, P. (1950). On Counter-Transference. *Int. J. Psycho-Anal.* 31:81-84

Joseph, B. (1988), Transference: the total situation. In *Melanie Klein Today: Developments in Theory and Practice*. vol. 2: Mainly Clinical (pp. 52-61). London: Routledge.

Kehl, M. R.. (2011). La actualidad de las depresiones. In *El libro negro de la psicopatología contemporánea* (pp. 85-120). México: Siglo XXI

Klein, M. [1928] (1987). El complejo de Edipo a la luz de las ansiedades tempranas. In *Amor, culpa e reparaçãõ; Obras completas 1*(pp 372-422). Barcelona: Paidós.

[1940] (1987) *El duelo y su relación con los estados maniaco-depresivos*, in *Amor, culpa e reparaçãõ; Obras completas 1*(pp 346-371). Barcelona: Paidós.

(1950). On the Criteria for the Termination of an Analysis. *Int. J. Psycho-Anal.*, 31 : 204–204.

(1946). Notes on Some Schizoid Mechanisms. *Int. J. Psycho-Anal.*, 27 : 99–110.

Lacan, J. (1984a) El seminario sobre la *carta robada*, in *Escritos I* (pp. 5-58), México: Siglo XXI

(1984b) Función y campo de la palabra y del lenguaje en psicoanálisis, in *Escritos I* (pp. 227-310), México: Siglo XXI

(2007). *El triunfo de la religión*. Buenos Aires: Paidós

Laks, C. (2009) On the therapeutic action of psychoanalysis, in *The Analytic Field: a Clinical Concept*, London: Karnac

Laplanche, J. (2012). *Problemáticas VI El après-coup*. Buenos Aires: Amorrortu

Meltzer, D. (1973), *Estados sexuales de la mente*. Buenos Aires: Kargierman.

(2008). *The Claustrium: An Investigation of Claustrophobic Phenomena*. London: Karnac Books.

Miller, S. . (2006). *Conversation A History of a Declining Art*. New York: Yale University Press.

Mitchell, S. (1988), *Relational Concepts in Psychoanalysis: An Integration*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Ogden, T. (1994). The analytic third—working with intersubjective clinical facts. *Int. J. Psychoanal.* 75: 3-20

(1997a). Reverie And Metaphor: Some Thoughts On How I Work As A Psychoanalyst. *Int. J. Psychoanal.* 78: 719-732

(1997b). Reverie And Interpretation, *Psychoanalytic Quarterly*, 66:567-595

(2004). On holding and containing, being and dreaming. *Int. J. Psycho-Anal.*, 85:1349-1364

Pérez Álvarez, M.. (2011). *El mito del cerebro creador: Cuerpo, conducta y cultura*. Madrid: Alianza Editorial.

Plá, Juan C. (2012), *Del delirio y del destino*. Seminario junio 1994-enero 1995. México: Centro Psicoanalítico Montealbán

Rosenfeld, H. (1987). Afterthought: changing theories and changing techniques in psychoanalysis . In *Impasse and Interpretation: Therapeutic and Anti-Therapeutic Factors in the Psycho-Analytic Treatment of Psychotic, Borderline, and Neurotic Patients* (pp. 265-280). New York: Routledge

Sandler, J. (1976), Counter-transference and role-responsiveness, *International Review of Psycho-Analysis*, 3:43–78

Sibila, P. (2005). *El hombre postorgánico*. Buenos Aires: FCE.

Silva, C. M. P (2012). A Construção Narrativa: O Processo Interpretativo Diante de uma Situação Traumática. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 19, n. 3: 505-518

(2013), *Uma Paixão Entre Duas Mentes: A Função*, *Revista Brasileira De Psicanálise*, 2

Singleton, Charles S. (1954), *Dante's Commedia: Elements of Structure*, Baltimore: Johns Hopkins University Press

Strachey, J. (1934). The Nature of the Therapeutic Action of PsychoAnalysis. *Int. J. Psycho-Anal.*, 15 : 127–159.



Sttaford, B. (1993). *Body Criticism Imaging the Unseen in Enlightenment Art and Medicine*. Cambridge: MIT Press.

Tustin F. (1990), *El cascarón protector en niños e adultos*. Buenos Aires: Amorrortu

Winnicott, D.W. .[1935] (1999). *La defensa maniaca*. In *Escritos de pediatría e psicoanálisis I*(pp. 177-198). Buenos Aires: Paidós.

(1965). *The Maturation Processes and the Facilitating Environment*, *Int. Psycho-Anal. Lib.*, 64:1-276. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis.

[1956a] (1992). *Fragmentos concernientes a algunas variedades de confusión clínica*. In *Exploraciones psicoanalíticas I*(pp. 46-50). Buenos Aires: Paidós.

[1956b] (1999) *Preocupación maternal primaria*, in *Escritos de pediatría y psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós.

[1960] *La teoría de la relación paterno-filial*, in *Escritos de pediatría y psicoanálisis I*. Buenos Aires: Paidós.

[1971] (1979). *Realidad e juego*. Barcelona: Gedisa.

Watzlawick P. et. al. (1996), *La realidad inventada*, Barcelona: Gedisa